

## SUCESSÃO

## Funaro diz que ainda é "muito cedo" para falar em candidatura

por Riomar Trindade do Rio

"O PMDB jovem saúda Funaro, ministro nacionalista." Com essa e outras faixas, o diretório municipal do PMDB do Rio de Janeiro recebeu o ex-ministro da Fazenda, Dilson Funaro, ontem à noite no auditório da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), cujos 450 lugares estavam todos ocupados. Entre os presentes, deputados estaduais e federais do partido, presidentes e membros de diretórios zonais, o economista Carlos Lessa (diretor do BNDES) e o ex-presidente do Banco Central (BC), Francisco Gros, mas nenhum representante do governador Moreira Franco.

Funaro fez uma palestra sobre economia brasileira — defendeu o Plano Cruzado e reiterou sua crença em programas de estabilização da economia — e foi intensamente aplaudido

quando lembrou a campanha das "diretas já", em 1984, e o endurecimento nas negociações com os bancos credores da colossal dívida externa brasileira. Na entrevista que concedeu antes da conferência, Funaro evitou os temas políticos. Sobre a duração do mandato do presidente Sarney, por exemplo, afirmou: "A discussão está no partido e vai à Constituinte. Aguardo a posição do PMDB".

Dilson Funaro negou também que a série de conferências que vem realizando em diferentes capitais configure uma eventual candidatura à Presidência da República. "Ainda é muito cedo. Meu compromisso é discutir a economia do País, as bases lançadas para a negociação da dívida externa. A preocupação atual não é com a sucessão presidencial, mas sim com a crise e a recessão", arrematou Funaro.

## Brizola vê risco de golpe e prega diretas

por Milton Wells de Porto Alegre

O ex-governador do Rio de Janeiro, Leonel Brizola, afirmou ontem, em Porto Alegre, que o País vive a pior crise política e econômica de toda a sua História, e observou que a continuarem os atuais níveis inflacionários estará criado um clima propício para a volta dos militares ao poder. "Muitos têm-se perguntado se o próprio governo não estaria conspirando para agravar a inflação, e com isso montar um clima cujo desfecho seria lógico: um novo golpe militar", disse Brizola. "Não é possível que o governo não governe. Basta ir aos sindicatos, aos empresários, buscar sugestões para combater a inflação. Vocês têm notícia se ao menos o Congresso foi ouvido sobre essa inflação avassaladora?", indagou.

Para Brizola, o jurista Raymundo Faoro está correto quando diz que Sarney está truncando a transição democrática e citou pesquisa publicada pelo jornal "O Estado de S. Paulo", onde 80% dos entrevistados afirmam sentirem-se enganados pelo governo. "O caminho para tudo que aí está

são as eleições diretas", reiterou Brizola. Segundo ele, o argumento de que as eleições contribuiriam para desarticular a Assembléia Constituinte é "desculpa esfarrapada".

Afirmou que as oligarquias criam evasivas para negar os direitos com ameaças de golpe. "Que importância tem um eventual atraso da Constituinte? Agora vamos ter de terminar por onde devíamos ter começado, que é a eleição para a Presidência da República", acrescentou.

Brizola criticou a Assembléia Constituinte e afirmou que há uma tendência nítida de conteúdo conservador com a criação de um regime híbrido (parlamentarismo misto), onde o presidente da República não teria poderes de governar. O ex-governador negou outra vez sua candidatura à Presidência, mas admitiu estar disposto a concorrer através de uma coligação com partidos de esquerda.

Segundo Brizola, a partir do quadro partidário atual será possível recrutar os melhores, com o PDT vindo a se constituir no núcleo nacional de resistência da população "contra todo o quadro de crise e de miséria".

## Ex-governador encontra Simon e dá o seu apoio

por Milton Wells de Porto Alegre

O ex-governador do Rio de Janeiro, Leonel Brizola, apoiou ontem a iniciativa do governador do Rio Grande do Sul, Pedro Simon, que está mobilizando os partidos políticos para que seja incluído no anteprojeto de reforma tributária um dispositivo que garanta indenização às isenções fiscais de produtos para exportação. Brizola foi recebido por Simon no Palácio Piratini, sede do governo, por cinquenta minutos, quando o assunto foi discutido. "Trata-se de mais uma injustiça contra o Rio Grande", disse Brizola, chegando a sugerir a Simon o corte das exportações e a comercialização dos produtos apenas no mercado interno.

Simon também conversou com o ex-governador sobre a greve do magistério, que perdura por sessenta dias. Brizola preferiu não emitir opinião pessoal e alegou não conhecer bem a real situação. "Mas creio termos chegado a um momento de definição, diante da ameaça dos alunos de virem a perder o ano letivo", afirmou Brizola. E lembrou que no Rio de Janeiro o funcionalismo "está calmo", graças à política salarial adotada por ele, quando governador.

Brizola depôs ontem na Comissão de Estudos Constitucionais da Assembléia Legislativa do Estado, tendo se reunido à noite com correligionários, para traçar planos para o congresso do PDT, que se realizará em julho no Rio de Janeiro.

## Covas tenta acordos e arma esquema de mobilização popular

por Cecília Pires de Brasília

Se não houver acordos internos dentro do PMDB em torno dos relatórios preliminares da Constituinte e as votações no plenário, neste fim de semana, resultarem em contornos conservadores da nova Constituição, o líder do partido na Constituinte, senador Mário Covas, sairá às ruas a partir da semana que vem, percorrendo todo o País para mobilizar a população. Ainda não será, oficialmente, o lançamento da campanha pelas eleições para presidente, segundo tem confidenciado aos parlamentares a ele ligados. Mas será, já, o rompimento oficial com o grupo conservador do partido e o afastamento do governo Sarney.

Covas fez estas confidências, ontem, a pelo menos duas lideranças do partido. "O grupo progressista terá cada vez mais uma postura atenta à sociedade e menos preocupada com a preservação do partido e com o presidente Sarney", disse um parlamentar muito ligado ao senador. A outra importante liderança do partido, com quem conversou ontem pela manhã, Covas afirmou que a derrota para o grupo mais conservador, no plenário, vai levar a campanha das diretas para as ruas, oficialmente, em janeiro próximo.

Para os principais líderes do partido, Covas está isolado dentro do próprio PMDB, pelas forças conservadoras, enquanto o centro democrático radicaliza posições, embora continue conversando, aposta no choque, e prepara esquemas para a votação em plenário. "Estou montando esquema para negociação", disse ontem Covas. Durante a tarde, ele se reuniu com os vice-líderes para procurar os pontos de convergência e isolar os temas controversos. A noite, reuniria as lideranças do PMDB com os relatores e depois se encontraria, com a cúpula do partido, na casa do deputado Ulysses Guimarães, para fazer uma avaliação final dos resultados dos entendimentos. Enquanto trabalhava nesse sentido, o líder do governo na Câmara, Carlos Sant'Anna, prometia mobilizar o centro democrático para conversar com os relatores, tentando convencê-los a defender as posições do grupo.

O principal aliado de Covas na Constituinte, senador José Richa, ainda apostava na negociação, mas advertia que, se não houvesse acordo, os conservadores "podem até ganhar em plenário, mas não levam. Seria uma vitória de pirro, porque não agradariam à população e seriam derrotados nas urnas". Richa advertiu, ainda, que a radicalização de posições "só vai prejudicar o País. O Brasil atingiu avanços que não permitem recuos.

**CONSUMO** — O ex-assessor para assuntos econômicos do presidente Sarney, economista Luís Paulo Rosenberg, afirmou em conferência para empresários da região de Ribeirão Preto, a convite do Citicorp, que a perda do poder aquisitivo da população entre novembro de 1986 e março deste ano foi de aproximadamente 15%, "mais ou menos a perda do salário médio real observada na recessão de 1981 a 1983".

## Assinaturas para convenção

por Zanoni Antunes de Brasília

A iniciativa do deputado Maurício Fruet (PMDB-PR) de recolher assinaturas de correligionários para convocar uma convenção extraordinária está preocupando Ulysses Guimarães, presidente do PMDB. Ulysses acha que ainda é cedo para se definir a duração do mandato presidencial e por isso comandou, na semana passada, uma reunião que decidiu por apenas um voto de diferença pelo adiamento da convenção que colocaria em pauta o assunto.

Fruet, que não concordou com o adiamento da convenção, pretende atingir hoje o quorum mínimo de 293 assinaturas que garantirá a convocação para os dias 27 e 28 deste mês. Com 238 signatários já computados no início da noite de ontem, a proposta de Fruet, se aprovada, poderá

provocar mais um estremecimento na liderança do deputado Ulysses Guimarães, dividida entre os partidários de um mandato de cinco anos para o presidente Sarney, da qual Ulysses faz parte, e a defesa de quatro anos com eleições presidenciais em 1988.

Ulysses garante que não pretende adiar indefinidamente a convenção, mas defende que é preciso haver um entendimento em torno da proposta visando a um consenso sobre o assunto. Ele também defende que a data da convenção só seja marcada após a divulgação do plano econômico em elaboração pelo ministro da Fazenda. No entanto, Ulysses deu mostras de que não pretende aceitar a proposta passivamente. Ele confidenciou ontem a sua aceitação "desde que o documento tenha base na legislação".

O autor da convocação garante que a sua proposta não contém nenhuma hostilidade à cúpula do partido nem ao seu presidente, deputado Ulysses Guimarães. "A convocação", afirmou Fruet, "faz parte da prática democrática."

O deputado disse ainda que a convocação baseia-se num parecer da assessoria jurídica do diretório regional do Paraná que entende que atingido o número exigido ela se tornará automática.

Embora o deputado Ulysses Guimarães tenha afirmado que, no caso de o documento atingir o número de assinaturas necessário, convocará a comissão executiva do partido, Maurício Fruet lembrou que neste caso não caberá à executiva decidir. "Se a convocação é justa ou não, não cabe à cúpula apreciar", explicou.

Se teimarem em recuar, os conservadores correm o risco de colocar a população mais à esquerda do que o povo quer ir", concluiu.

"Eles já venceram na primeira fase e o povo está cobrando. Quando vierem as eleições, eles se esborracham", advertiu Richa. "O pior que pode ocorrer, se houver radicalização das posições, é que até o pessoal de esquerda mais responsável poderá aderir às medidas, como, por exemplo, a campanha pelas eleições presidenciais no ano que vem", admitiu o senador. Para Richa, no entanto, "Mário Covas representa o equilíbrio. Nem o pessoal de esquerda tem de exigir mais do que pode dele, nem o pessoal conservador tem o direito de isolar Mário Covas", desabafou o senador.

O senador Fernando Henrique Cardoso, líder do PMDB no Senado, afirmou ontem que o melhor resultado, atualmente, será

aquele que for firmado dentro da Constituinte. "Ou ganhamos a data das eleições presidenciais na Constituinte ou não há campanha, porque será uma campanha eleitoral contra a Constituição aprovada pelo Congresso, por nós mesmos", advertiu. Fernando Henrique defendeu que o partido procure o entendimento e que não se permitam novos avanços da direita. "Não se pode deixar as coisas como estão. Estamos rumando para o conservadorismo, para uma Carta atrasada", disse o senador.

Para Fernando Henrique, o entendimento só pode ser feito com o convencimento do centro. "Ou se torna o centro mais permeável a mudanças ou a Constituição será conservadora." Fernando Henrique acha, ainda, que não se deve mobilizar já a população para as eleições presidenciais. "A rua não virá em socorro do plenário. A mobilização pelas diretas é

uma estratégia errada para tentar salvar nossa incapacidade de obter entendimento aqui dentro, no Congresso Constituinte", concluiu.

Para outra liderança do partido, as brigas dentro da Aliança Democrática e dentro do próprio PMDB acabaram por facilitar a ação dos grupos mais conservadores, que se aliam agora ao PFL, PDS e PTB, conseguindo maioria para as votações. Em primeiro lugar, o PMDB brigou com o PFL durante a elaboração do regimento, sem atentar, segundo este parlamentar, por questões fundamentais. Depois, começou a disputa entre Ulysses Guimarães e Mário Covas pela liderança do partido. O presidente Sarney contribuiu para acirrar os ânimos, defendendo para si cinco anos de mandato. Em seguida, brigaram Covas e o centro democrático e começou o isolamento do líder dentro do partido.